

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRA E ARTES.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

WILLIAM MENDES RIBEIRO

**O IMAGINÁRIO NORTE-RIO-GRANDENSE, FÉ CRISTÃ E COMUNISMO NA  
DÉCADA DE 1930.**



NATAL / RN

2005

WILLIAM MENDES RIBEIRO



**O IMAGINÁRIO NORTE-RIO-GRANDENSE, FÉ CRISTÃ E COMUNISMO NA  
DÉCADA DE 1930.**

Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura e Bacharelado em História da  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte –  
UFRN, como exigência parcial para a obtenção do  
título de bacharel e licenciado em história sob a  
orientação do Professor Luís Eduardo Suassuna.

**NATAL / RN**

**2005**

**À meus pais, Moaci Mendes de Brito e  
Isaura Ribeiro Mendes. À minha esposa,  
Elaine Monteiro Mendes. À meu filho  
Arthur, que acaba de nascer.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, principalmente, por ser a fonte de paz e força para enfrentar os percalços da vida acadêmica.

À minha mãe, Isaura Ribeiro Mendes, uma pessoa que merece profunda admiração, possuidora de uma força tamanha, que poucos poderiam alcançar.

Aos professores e funcionários do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pelo apoio oferecido e, especialmente, aos membros do Colegiado do Curso, sem os quais não poderia estar vivendo este momento.

Ao meu orientador, professor Luís Eduardo Suassuna por estar sempre disposto prestar orientações, mesmo nos horários mais difíceis.

Aos colegas, companheiros das alegrias e preocupações que envolvem o período de conclusão do curso e, principalmente, à Professora Aurinete, pela importante orientação técnica que deu para a redação da presente monografia.

A todos os amigos que ofereceram o “ombro amigo” quando eu precisei de apoio, especialmente a minha esposa: Elaine por ter me apoiado nos momentos mais difíceis desta jornada.

O precioso da História é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos, para o bem e para o mal, são testemunhas de vista, indispensáveis e ricas de notícia. Testemunhas e não juízes ou advogados. Todos testemunhas. O futuro estudará, confrontará e dará sentença. Muita gente pensa que a História é uma velhinha amável e covarde que aceita, por preguiça e senectude, as decisões dos contemporâneos.

Todos nós julgamos a História quando apenas escrevemos para a história.

Luís da Câmara Cascudo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
¶ CAPÍTULO 1 O IMAGINÁRIO NORTE-RIO-GRANDENSE NA DÉCADA DE 1930.....	12
§ CAPÍTULO 2 A EVOLUÇÃO DO IMAGINÁRIO. PODE O CRISTÃO NÃO PODE SER COMUNISTA.....	23
¶ CAPÍTULO 3 A PROJEÇÃO DO IMAGINÁRIO COMUNISTA NA SOCIEDADE NORTE- RIO-GRANDENSE.....	31
§ CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	41
ANEXOS.....	43

## INTRODUÇÃO

Após a Revolução Russa de outubro de 1917, intensificou-se no mundo inteiro a onda ideológica marxista-leninista, até então sem grande expressão mundial. No Brasil, embora desde 1918 várias tentativas fossem registradas, somente em 1922 conseguiu o comunismo organizar-se. Em março daquele ano realizou-se no Rio de Janeiro o Congresso Constitutivo do Partido Comunista, que logo aderiu ao MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL, aceitando as 21 condições de admissão à TERCEIRA INTERNACIONAL<sup>1</sup>, também conhecida por COMINTERN<sup>2</sup>, órgão executivo da Internacional Comunista, criado por Lênin em 1919, no Congresso da Terceira Internacional. A partir de elementos da história do Rio Grande do Norte, busca-se refletir sobre a problemática da história do imaginário sobre o comunismo no Estado voltando suas preocupações para as ferramentas de investigação histórica nesse campo de conhecimento, que neste caso são os documentos, principalmente, os emitidos pela Igreja e referentes ao tema, e apontar os aspectos mais relevantes desta construção.

Quer aceitemos ou não o seu ideário, não podemos negar que a Revolução Russa de 1917 foi um dos acontecimentos político de maior significação no século XX. Ela não só quebrou a ordem burguesa, que dominava o mundo inteiro, mas também trouxe uma nova forma de organização posta em prática por Lênin e Stálin. No arcabouço desta utopia, Marx atribuiu ao proletariado, classe oprimida, o papel revolucionário de destruir a sociedade capitalista burguesa e, em seu lugar, construir a sociedade comunista. Era a promessa de implantar o Paraíso na terra!

<sup>1</sup> MEDEIROS FILHO, João Medeiros, 82 HORAS DE SUBVERSÃO. (Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte). Academia Norte-rio-Grandense de Letras e Instituto Histórico do RN, 1980.

<sup>2</sup> ~~Ibid.~~ Komintern – Kommunistischeski Internatsional. (Internacional Comunista – IC) (Ibid.)

E por isso mesmo procura-se entender porque segundo a Igreja Católica, esta forma de governo não se ajusta aos ideais do catolicismo.

Para se compreender a construção do imaginário comunista ocorrido principalmente na década de 1930 no Brasil e particularmente no Rio Grande do Norte, que teve como ponto culminante a Insurreição Comunista de 1935, é preciso voltar o nosso pensamento para a Revolução Russa de 1917, que encarnou os ideais socialistas elaborados pelos alemães Karl Marx e Friedrich Engels e concretizado por Lênin e Stalin, e entender as circunstâncias em que isto ocorreu e sua repercussão no Brasil e no mundo e a definição final de seu traçado em 1935 e principalmente em 1937 com o advento do Estado Novo.

Para tanto, examina-se o posicionamento e as vinculações entre Igreja Católica e Estado. Em seguida, analisa-se o contexto deste imaginário, examinando os interesses materiais envolvidos nestas definições e as conveniências políticas internas e externas do país neste período. O comunismo, na teoria marxista é a última etapa do processo histórico da sociedade na qual todos os membros da sociedade trabalham e ninguém vive da propriedade dos meios de produção, ou seja, do capital; onde se extinguiu a exploração e se tem uma sociedade sem classes e o Estado foi eliminado.

Trata-se de um estudo sobre a construção de um imaginário popular, a visão do comunista mal que rouba e mata criancinhas. O trabalho procura analisar a construção destas imagens em torno do comunismo que se deve, antes de tudo, a fatores que pertencem ao domínio do político e do simbólico: através do mais moderno meio de comunicação da época: a propaganda. Buscava-se, principalmente, garantir a estabilidade do regime de dominação vigente no país, atenuando os riscos de confrontos com nações mais poderosas militarmente e preservando a integridade do





território brasileiro. O trabalho baseia-se em análise de jornais, documentos e dados obtidos mediante entrevistas, depoimentos, questionários e observação de fontes de consulta, neste caso, os documentos oficiais da Igreja católica como, por exemplo, as encíclicas *Rerum Novarum*, *Quanta Cura* e o *Sílabo*, que podem ser facilmente encontrados nos arquivos da Cura Metropolitana, além de outras fontes de pesquisa que podem ser encontradas na Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que abordam o tema. E finalmente, faz-se uma pesquisa do porquê das condenações do comunismo pela Igreja Católica e entender como o comunismo é contrário ao cristianismo.

O estudo se iniciará num momento de crise mundial do capitalismo que proporcionou um ambiente favorável para o desenvolvimento das teorias marxistas ocasionado pela quebra da bolsa de Nova York em 1929, e que levou varias empresas á falência no mundo inteiro aumentando conseqüentemente o desemprego, nas cidades e no campo, e termina em 1937 que sob o pretexto de ameaça de um plano comunista de tomada do poder, Getúlio Vargas, instaura o Estado Novo no Brasil através de um golpe de Estado.

Procura-se estudar porque, segundo a Igreja Católica, o cristão não pode ou não deve ser comunista ou ao menos simpatizante deste regime de governo, e entender como isso afeta sua estrutura hierárquica. O trabalho buscará analisar o imaginário popular e a incompatibilidade entre a fé cristã e comunismo no Rio Grande do Norte na década de 1930. Trabalharei as concepções de imaginário a partir das definições de Cornelius Castoriadis, Gilbert Durand, Teixeira Coelho e Jacques Le Goff.

A metodologia para a presente pesquisa fundamenta-se no levantamento das principais fontes a serem utilizadas, para a realização do trabalho se realizará um levantamento de matérias de

jornais de época como o jornal “A Ordem” da Arquidiocese de Natal, os documentos oficiais da Igreja como os decretos de leis, encíclicas como o Silabo, Rerum Novarum e Quanta Cura.

## **CAPÍTULO 1**

### **O IMAGINÁRIO NORTE-RIO-GRANDENSE NA DÉCADA DE 1930**

Após a Primeira Guerra Mundial, a crise econômica na Europa fez crescer o número de críticos dos antigos valores democráticos e liberais. Os partidos comunistas acusavam a democracia liberal de injusta, pois segundo os comunistas ela reconhecia a igualdade entre desiguais, não defendendo os menos favorecidos. Para deter o avanço do comunismo, surgiram movimentos contra-revolucionários que acusavam a democracia liberal de ineficiente. Por meio de regimes fortes, propunham regular, pela força, as relações de classe dentro do capitalismo. Surgiram, assim, o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha.

No final dos anos 20 e no decorrer da década de 1930, uma série de manifestações culturais vinculadas a uma nascente indústria de lazer – emergiu poderosamente, atingindo todos os segmentos sociais do mundo urbanizado. O rádio, o cinema e a música popular avançavam a grandes saltos. Começava-se a viver, então, a chamada Era da cultura de massas. A utilização desses novos meios de informação proporcionava aos governos novas formas de atingir simultaneamente grandes camadas da população, para divulgar suas propagandas, cultura e anúncios.

O Brasil não ficou distante dessa situação internacional. A radicalização política foi assumindo cores fortes: de um lado o verde-escuro do uniforme integralista (fascista), de outro, o vermelho das bandeiras comunistas. O Crack da bolsa de valores de Nova Iorque que provocou a crise do sistema capitalista, a partir de outubro de 1929<sup>3</sup>, atingiu a exportação do café brasileiro e funcionou como determinante de ordem econômica. Quando o presidente Washington Luís (1929-1930)<sup>4</sup>, transferiu ao Instituto do Café do Estado de São Paulo a responsabilidade de solucionar o impasse surgido no setor exportador do principal produto brasileiro na época, o

---

<sup>3</sup> SILVA; Francisco de Assis. História do Brasil. 1 ed. São Paulo. Moderna. 1996.p. 238.

<sup>4</sup> *Ibid.* p.237.

presidente perdeu o apoio dos cafeicultores, que lhe conferiam sustentáculo político, portanto, foram principalmente os motivos de origem política e econômica que determinaram a eclosão do movimento revolucionário de 1930<sup>5</sup> que culminou com o fim da República Velha e início da Era Vargas. O rompimento da política "Café-com-Leite"<sup>6</sup>, que determinava a alternância de um presidente paulista e um mineiro frente ao governo do país, a comprovação de fraude eleitoral na escolha de Júlio Prestes para a Presidência da República e o assassinato de João Pessoa, candidato derrotado a vice-presidente, funcionaram como causas imediatas do movimento revolucionário que marca o início da Segunda República no Brasil.

A Ação Integralista Brasileira – AIB, criada em outubro de 1932, sob o comando de Plínio Salgado, era inspirada no fascismo europeu e defendia o fortalecimento do Estado e o autoritarismo. A crise financeira, o desemprego, as revoltas operárias e as desigualdades sociais seriam solucionadas com um Estado forte, baseado num partido único: o Partido Integralista.

Tendo como lema “Deus, Pátria e Família”, os integralistas receberam apoio de profissionais liberais, escritores, jornalistas, professores, altos funcionários, estudantes e oficiais da Marinha e do Exército. Possuíam grande penetração nas camadas médias e populares e também na juventude.

Em março de 1935, foi criada a Aliança Nacional Libertadora – ANL, que representou uma tentativa do Partido Comunista Brasileiro (PCB) de organizar uma ampla frente política que reunisse as diferentes tendências políticas descontentes, inclusive as liberais, temerosas com o avanço dos integralistas no governo de Getúlio Vargas.

---

<sup>5</sup> SILVA; Francisco de Assis. História do Brasil. 1 ed. São Paulo. Moderna. 1996.p.239

<sup>6</sup> *Ibid.* p.209

A Aliança Nacional Libertadora (ANL) expandiu-se rapidamente e, no meio do ano de 1935, já possuía milhares de núcleos espalhados pelo país. Como os integralistas, recrutava a maior parte de seus adeptos nas classes médias urbanas, especialmente entre militares, intelectuais, profissionais liberais e estudantes. Em julho de 1935, a ANL foi considerada ilegal pelo governo Vargas. Suas sedes em todo o país foram ocupadas pelas forças policiais. O governo federal que se sentindo ameaçado reagiu.

Na ilegalidade, a ANL - praticamente reduzida ao Partido Comunista - partiu para a solução revolucionário. Em novembro de 1935, sob a liderança do antigo tenente Luís Carlos Prestes, que acabara de ingressar no Partido Comunista, organizou um levante em Natal, Recife e Rio de Janeiro: a Intentona Comunista - assim denominada pelos poderes oficiais. Sem dispor da lealdade esperada dentro das Forças Armadas e sem bases populares, o movimento foi derrotado pelo governo. Os comunistas fracassaram em sua tentativa de tomar o poder.

Foi decretado o Estado de Sítio, que se manteve durante todo o ano de 1936. A Lei de Segurança Nacional foi aplicada: parlamentares foram presos e julgados; sindicatos foram fechados e suas lideranças, perseguidas; militares e civis foram presos e demitidos de suas funções públicas. A repressão atingiu os liberais e todos os setores da esquerda. Foi criado um Tribunal de Segurança Nacional que julgava e condenava as pessoas denunciadas por subversão.

A crise política associada a questões econômicas e a crise do liberalismo na Europa contribuíram para a construção e concepção do imaginário comunista no Rio Grande do Norte, imagens e símbolos difundidos pelo nazi-fascismo foram incorporados à propaganda estadonovista a partir de 1937, e muitos destes símbolos e imagens encontraram terreno fértil na

sociedade brasileira, habituada ao uso e culto de imagens e símbolos que o catolicismo propagou desde a colonização.

Porém o que é imaginário? É com esta indagação que iniciaremos nossa pesquisa. Numa definição mais literal seria “sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas.

Na História, embora sem utilizar explicitamente o conceito de imaginário, deve-se citar a obra pioneira de Johanes Huizinga, que analisa simultaneamente imagens verbais e imagens visuais em *O Declínio da Idade Média* (1919). Mas é nas proximidades dos anos setenta do século XX que irá se desenvolver uma historiografia do imaginário, com autores como Jacques Le Goff e Georges Duby<sup>7</sup>.

O conceito de “imaginário” parece ter sido pela primeira vez apropriado para a análise histórico-social por Cornelius Castoriadis em *A Instituição Imaginária da Sociedade* (1975). A partir daí, o conceito tem se mostrado polêmico nos campos da História e da Antropologia, merecendo definições diversificadas das quais registramos algumas:

1– Conjunto de imagens não-gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital consciente e pensando do ser Humano<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> G.Duby, *As Três ordens e o Imaginário do Feudalismo*; J.Le Goff, *O Imaginário Medieval*.

<sup>8</sup> DURAND, Gilberto. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*

2 - Conjunto de imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, por um lado, das formas tanto quanto possível universais e invariantes e que derivam da sua inserção física e comportamental no mundo – e, de outro, de formas geradas em contextos particulares historicamente determináveis<sup>9</sup>.

3-Conjunto de representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam<sup>10</sup>.

Nesta ótica também podemos dizer que imaginário é o meio humano em que o indivíduo está integrado. É com base nessa concepção de imaginário que passaremos a analisar suas implicações para a sociedade norte-rio-grandense.

Existem outros trabalhos semelhantes que tratam do assunto comunismo e cristianismo como o trabalho de Urbano Zilles – Pode o cristão ser marxista, publicado em 1937 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul que poderá nos auxiliar na compreensão do imaginário no Rio Grande do Norte na década de 1930. O mais importante, porém, é descrever os processos de formulação de conceitos sobre o tema comunismo.

A princípio, pode parecer que se trata de uma temática simples, não eivada de originalidade, porém, as ações desenvolvidas no pós 1929 nos levam a estudar como se constituiu a imaginário

---

<sup>9</sup> COELHO, Teixeira. Dicionário de Política Cultural.

<sup>10</sup> PATLAGEAN; Evelyne. A história do imaginário. In. Le Goff A História Nova.



do comunismo no Rio Grande do Norte e, qual ou quais instituições ou interesses representavam e assim verificar a relevância do tema para a sociedade e para o ordenamento das idéias que foram e são absorvidas pela população de maneira geral.

Sabemos que a Igreja Católica foi um pólo centralizador humano na Idade Média no Ocidente e continua sendo nos dias atuais, ou seja, agrupa e exerce influência sobre grande parcela da população crente em seus dogmas. Seu posicionamento diante de questões como esta pode evidentemente determinar o sucesso ou o insucesso de uma empreitada política de relevância social.

Devemos compreender que a doutrina cristã diverge da doutrina marxista em suas bases filosóficas, o que fica explícito nas Bulas Papais que se perpetuam no tempo. Enquanto a Igreja Católica concebe que a desigualdade existente entre os homens é um fator inerente à condição humana, tão natural que segundo a Igreja, é inevitável, certa desigualdade, material, intelectual e moral entre os membros de uma mesma família. O comunismo defende a igualdade material e de direitos entre os homens, por isso mesmo a Igreja defende o direito de propriedade privada e deseja que esse direito se mantenha intacto e inviolado nas mãos de quem o possui sendo por isso mesmo contrária a doutrina comunista que prega a igualdade, principalmente material, entre os homens, segundo Marx:

Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> MARX, Karl.ENGELS; Friedrich. Manifesto do Partido Comunista.1848.

O comunismo defende a igualdade de direitos. O cristianismo defende a desigualdade dos homens, que têm direitos naturais iguais, mas direitos acidentais diferentes. Segundo a doutrina comunista, todos os homens são iguais, todos devem trabalhar em benefício da sociedade, então onde essa filosofia fere os ensinamentos da Igreja? E mesmo que ferisse, não seria muito mais correto seguir estes ensinamentos do que participar de um capitalismo selvagem, onde se nasce, cresce, vive e se morre em busca de riquezas?

O materialismo sustenta que tudo o que existe é matéria, que o mundo é um ser necessariamente material e que nada existe além do limite alcançado pelos nossos sentidos. Que não existem seres espirituais, tais como a alma, Deus, vida sobrenatural. A matéria, isto é, tudo o que pode ser pesado apalpado e medido, é a única realidade existente. Pois bem, o ponto de fundamental oposição entre comunismo e cristianismo é o materialismo dialético. Materialismo baseado nos filósofos Demócrito e Epicuro e a dialética (do grego, *dois logos, duas opiniões divergentes*) baseada em Heráclito. Marx defende o materialismo dialético, tentando superar o pensamento de Hegel e Feuerbach.

A dialética hegeliana baseia-se na dialética do idealismo, segundo esta concepção, o Estado, a religião e a filosofia, são manifestações do espírito absoluto (Deus), onde o sujeito da história da história é o espírito, nesta concepção a história teria sentido e direção. A dialética do materialismo é a posição filosófica que considera a matéria como a única realidade e que nega a existência da alma, de outra vida após a morte, Marx define a história da humanidade como a história da luta de classes.

A Igreja defende a existência de um plano superior e que a vida na terra deve ser entendida apenas como um estágio para uma vida melhor, e que, após a morte, os cristãos serão recompensados.

Marx sustenta, através da exposição das luta de classe e do materialismo, que só a igualdade entre os homens trará a paz e a felicidade, o que seria alcançado através do comunismo. Para ele a igualdade entre os homens é um bem em si. A Igreja reconhece que a desigualdade existe entre os homens, naturalmente dessemelhantes, pelas forças do corpo e do espírito e que essa desigualdade deve existir até na posse de bens. Para o Cristianismo, a desigualdade entre os homens, é antes de tudo, é um bem em si mesmo, como afirmava o Papa Pio XII:



Pois bem, os irmãos não nascem nem permanecem todos iguais: uns são fortes, outros débeis, uns inteligentes, outros incapazes, talvez um seja anormal, também pode acontecer que se tome indigno. È, pois, inevitável uma certa desigualdade material, intelectual, moral, numa mesma família (...) Pretender a igualdade absoluta de todos seria mesmo que pretender idênticas funções a membros de diversos do mesmo organismo.(Discurso de 4/4/1953 a católicos de paróquia de S. Marciano, PIO XII).

Sem dúvidas alguma podemos afirmar que o materialismo é o ponto de fundamental discordância entre a Igreja e o comunismo, entretanto, outro ponto de divergência entre o sistema capitalista e o comunismo é o regime de propriedade. Não é a única diferença, como já foi mencionado, mas é a mais atacada hoje pelos comunistas e socialistas. No capitalismo, o direito a

propriedade privada é tido como direito natural, enquanto que o comunismo nega que existência desse direito.

A Igreja se apóia em dois dos dez mandamentos de sua lei Bíblica para defender sua posição: o sétimo mandamento que diz: – “*Não furtarás*”, e no décimo: - “*Não cobiçarás a casa de teu próximo; não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença*”<sup>12</sup>. No cristianismo o direito de propriedade particular está garantido nos mandamentos de sua lei, enquanto que para Karl Marx, a função da religião seria a de conforta o operário oprimido em sua pobreza e evitar que este se rebelde.

O sofrimento religioso é, a um único e mesmo tempo, a expressão do sofrimento real e um protesto contra o sofrimento real. A religião é o suspiro da criatura aflita, o estado de ânimo de um mundo sem coração, porque é o espírito da situação sem espírito. A religião é o ópio do povo<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> **BÍBLIA** Sagrada. Contendo o velho e o novo testamento. Traduzido por João Medeiros de Almeida. 1.ed. Santo André. Geográfica. 2003. Êxodo, cap. XX, vs 15 e 17. paginação irregular.

<sup>13</sup> **MARX**, Karl. Uma Contribuição à Crítica da Filosofia de Hegel. 1844.

Caracterizar a religião como uma droga que anestesia a dor, - o ópio -, por mais chocante que seja para muitos, hoje, foi ainda mais radical em sua época. No entanto, mais do que condenando a religião em si, Marx na verdade estava criticando a condição de uma sociedade que levaria as pessoas a um entorpecimento. O que ele queria? Ele queria que as pessoas abrissem os olhos para a dura realidade do capitalismo burguês do século XIX. Os capitalistas estavam extraindo mais e mais lucros a partir do trabalho do proletariado, ao mesmo tempo em que "alienavam" os trabalhadores de sua auto-realização. O que os trabalhadores mereciam, e poderiam obter se acordassem de sua sonolência, era o controle de sua própria auto-estima, liberdade e poder.

Para atingir esse fim, Marx clamava pela "abolição da religião como felicidade ilusória do povo". Karl Marx queria que eles buscassem a "felicidade real", que na filosofia materialista de Marx era a liberdade e a realização neste mundo. Já que os ricos e poderosos não iriam entregar isso de graça, as massas teriam de tomá-lo. Daí, luta de classe e revolução.

## **CAPÍTULO 2**

### **A EVOLUÇÃO DO IMAGINÁRIO. PODE O CRISTÃO SER COMUNISTA?**

A Intentona Comunista de 1935 teve início em Natal, Rio Grande do Norte, tudo estava planejado para o irrompimento simultâneo do levante armado em todo o país. A insurreição deveria eclodir de forma sincronizada num único movimento. Entretanto, em Natal, a precipitação dos conspiradores acabou por antecipar o levante. Por volta das 19:30h de sábado, dia 23 de novembro de 1935, militares ligados ao Partido Comunista assumiram o controle do 21º Batalhão de caçadores, estava deflagrada a revolução<sup>14</sup>... Os revolucionários ocuparam a residência oficial dos governadores, chamada Vila Cincinato<sup>15</sup>, localizada na Praça Pedro Velho e instalaram um “Comitê Popular Revolucionário”, que foi o primeiro governo comunista das Américas.

O primeiro ato do “governo revolucionário popular” foi determinar o arrombamento dos cofres do Banco do Brasil, do Banco do Rio Grande do Norte, da Delegacia Fiscal e da Recebedoria de Rendas, o que foi efetuado a maçarico. Calcula-se que os rebeldes se apoderaram de quantia superior a 5 mil contos de réis, algo em torno de 350 mil dólares na época. Em entrevista publicada no jornal “O Poti<sup>16</sup>”, Giocondo Dias, um dos participantes da Intentona Comunista em Natal e sucessor de Luis Carlos Prestes na Secretaria do PCB, confirmou que o dinheiro retirado do Banco do Brasil foi repartido entre os participantes do “governo revolucionário”, o que teria sido um “erro” do movimento... Na terceira parte da entrevista, publicada no mesmo jornal<sup>17</sup>, Giocondo reconheceu que também ordenou prisões e fuzilamentos. Outra decisão do governo comunista foi determinar a soltura das centenas de presos comuns que estavam na Casa de Detenção. Um clima de terror foi estabelecido em toda a cidade. Dois civis, o

---

<sup>14</sup> **FILHO**. João Medeiros. 82 Horas de Subversão. (Intentona Comunista de 1935 no RN). Academia Norte-rio-Grandensede Letras e Instituto Histórico do RN: 1980

<sup>15</sup> **COSTA**, Homero Oliveira. A Insurreição Comunista de 1935. São Paulo. Ensaio / Cooperativa Cultural da UFRN. 1995. p.99

<sup>16</sup> **O POTI**. Natal. 30/06/1985. Primeira parte

<sup>17</sup> **Ibrid**. Natal. 07/07/1985. Terceira parte

Sr. Otacílio Wernerck de Castro e um funcionário de uma companhia de navegação foram executados, sob a acusação de que teriam ridicularizado a “Revolução”. Estabelecimentos comerciais e residências particulares foram saqueados. Navios no porto foram ocupados. Pilhagens e roubos se generalizaram<sup>18</sup>. Caminhões e automóveis particulares eram “requisitados” pelos revolucionários. A cidade virou terra de ninguém. A população apavorada permaneceu em casa, como medo de sair á rua. Rapidamente, o movimento comunista procurou também controlar o interior do Estado. Os rebeldes organizaram três colunas, que deveriam partir, respectivamente, em direção à Recife-PE, Mossoró e Caicó. As colunas revolucionárias conseguiram ocupar as localidades de Ceará-Mirim, São José de Mipibu, Santa Cruz e Canguaretama, mas encontraram resistência porque a população do interior já havia começado a organizar-se para reagir aos comunistas. O comerciante Danarte Mariz<sup>19</sup> e o advogado Enockh Garcia chegaram a Caicó e passaram a fazer discursos, conclamando o povo a pegar em armas para defender a sociedade contra o comunismo. Em poucas horas Dinarte conseguiu formar uma coluna com 180 sertanejos. O Padre Walfredo Gurgel de Acari também foi um dos que tomaram a frente na reação contra os comunistas, organizaram um corpo de cerca de 30 voluntários. Em 25 de novembro, em Serra Caiada, ocorre o primeiro embate entre os soldados revoltosos e os sertanejos de Dinarte Mariz, que vencem a luta e ainda ficam com boa parte do armamento dos soldados. No dia 26, ocorrem combates no povoado de Pannels e na Serra do Doutor, ambos vencidos pelos sertanejos. Da luta na Serra do Doutor participaram 30 voluntários do Padre Walfredo que comandou os serviços preparatórios do combate. Enquanto isso, na capital, os comunistas recebiam a notícia de que tropas da Paraíba e de Pernambuco estavam chegando para reprimir o movimento. O “Comitê

---

<sup>18</sup> **FILHO**, João Medeiros. 82 HORAS DE SUBVERSÃO. (Intentona Comunista de 1935 no RN). Academia Nortério-Grandensede Letras e Instituto Histórico do RN: 1980

<sup>19</sup> **SOUZA**, Itamar de. 1935: Os comunistas. Diário de Natal, n.º5. p.140. Dinarte de Medeiros Mariz depois foi governador e senador federal.



Popular Revolucionário” dissolveu-se rapidamente sem oferecer nenhuma resistência, os revolucionários fugiram levando o que podiam, ao mesmo tempo em que se desfaziam de tudo o que pudesse comprometê-los. No dia seguinte, os sertanejos com as tropas legalistas, vindas de Recife e João Pessoa entravam em Natal, sem encontrar resistência. Com esta breve contextualização dos acontecimentos de 1935 no Rio Grande do Norte podemos analisar a reação dos setores conservadores da sociedade e de que forma estes fatos foram usados na construção do imaginário comunista no Rio Grande do Norte.

Após a revolta de novembro de 1935, em Natal, orientada pelo PCB (Partido Comunista do Brasil), e pela ANL (Aliança Nacional Libertadora), podemos observar as forças simbólicas captadas e invocadas pelo imaginário social, se consorciando a ações legais com o objetivo de banir do universo social as doutrinas prejudiciais e inimigas da sociedade - a doutrina comunista. A própria tradição de homenagem aos mortos pelo comunismo se instalou como prática precedente ao Estado Novo, e sua elaboração foi um processo concomitante ao recrudescimento das formas jurídicas que visavam combater a subversão política no país.

Desta forma podemos considerar que a Intentona Comunista, em novembro de 1935, foi o acontecimento que mais contribuiu para com a disseminação e consolidação do imaginário anticomunismo no Estado. O impacto foi enorme sobre a opinião conservadora, afinal, não era uma rebelião comum: tratou-se de uma tentativa armada dos comunistas de tomarem o poder, a qual, uma vez bem sucedida, poderia ter provocado grandes transformações na organização social brasileira. A comoção tornou-se ainda maior quando a imprensa começou a divulgar indícios, encontrados pela polícia, da participação de um grupo de estrangeiros ligados à Internacional Comunista (Komintern) na frustrada tentativa revolucionária.

Na imaginação conservadora, ao promover o desafio às instituições e hierarquias, o comunismo armava a possibilidade de implantação de uma ordem inversa, deformada e contrária aos desígnios da cultura política tradicional. Por ser portadora de uma doutrina internacionalista, a idéia comunista depunha, da mesma forma, contra os imperativos da nacionalidade. O comunismo canalizava e reunia, os estigmas da violência, da destruição, da corrupção moral, da desordem e do caos. Suscitava, no seio de uma coletividade, sentimentos de temor, ódio e repulsa, amalgamados às reais vicissitudes e contradições enfrentadas pelas populações dos regimes comunistas, notadamente o soviético.

Ora, cristianismo e comunismo não deveriam se encontrar, pois, eles se situam em planos distintos e diferentes: Cristianismo - doutrina de salvação espiritual, que propõe aos homens de todos os tempos e sob todos os regimes políticos e econômicos, qualquer que seja, a mensagem evangélica de caridade e amor, com vista numa comunhão espiritual com Deus. - Comunismo - Situa-se no plano das relações econômicas, políticas, quotidianas e materiais. Portanto não deveria haver incompatibilidade entre o espiritual e o secular.

Podemos concluir que vivemos numa sociedade instituída de cima para baixo, ora por um sistema econômico qualquer ora por um sistema religioso e a proposta comunista questionava esta ordem estabelecida criando assim uma incompatibilidade entre comunismo e cristianismo. Como fenômeno político, o imaginário anticomunista é relativamente autônomo, e atua sem necessitar da existência legal de um partido comunista como base de enfrentamento, ou ainda, é independente de institucionalização da vida partidária. Como demanda simbólica, o imaginário anticomunista absorve de diferentes esferas culturais suas justificativas de permanência, fundando-se em linhagens como o liberalismo, o catolicismo e o nacionalismo.

O imaginário comunista, reproduzido pelo anticomunismo brasileiro através das décadas, por ocasião da homenagem aos mortos de 1935, sustenta-se efetivamente neste acontecimento.

Ou seja, na real tentativa de tomada de poder acionada por um grupo de revolucionários, munidos de instrumentos de violência e de um projeto político, sem entrarmos em qualquer mérito sobre a viabilidade ou a debilidade desse projeto.

A Igreja defende sua constituição hierárquica, que segundo ela, a hierarquização não deve ser vista como uma limitação da liberdade ou da espontaneidade dos cristãos, mas sim como uma manifestação da misericórdia de Deus para com os homens, pois, a Igreja não é uma estrutura democrática, na qual o povo é soberano, exemplo disto é a condenação que o Papa Pio IX faz de qualquer participação do cristão no comunismo<sup>20</sup>, onde até mesmo votar em candidatos do Partido Comunista do Brasil, o que seria uma forma de presta favor ao partido comunista, não conveniente ao cristão e este seria alvo de excomunhão. Assim sendo, socialismo religioso, socialismo cristão, são termos contraditórios: ninguém pode ao mesmo tempo ser bom católico e socialista verdadeiro<sup>21</sup>. O Papa Pio XI afirma que *não é verdade que na sociedade civil todos temos direitos iguais, e que não exista hierarquia legítima*<sup>22</sup>.

Na encíclica Rerum Novarum, Leão XIII com diversos argumentos, insistia fortemente, contra o socialismo de seu tempo e no caráter natural do direito de propriedade privada. Este direito, segundo ele, é fundamental para a autonomia e desenvolvimento da pessoa e foi sempre defendido pela Igreja até nossos dias.

Ao contrario do que prega o comunismo, a Igreja defende que a posse de bens materiais independem de sua correta utilização, ou seja, o fato de o proprietário ser não ser justo ou benevolente não tira dele o direito da posse de seus bens. *“Sem razão afirmam alguns que o*

---

<sup>20</sup> Pio IX, Quadragésimo Anno, parágrafo 122, p.45

<sup>21</sup> Papa Pio IX, Quadragésimo Anno nº 119.

<sup>22</sup> Papa Pio XI, Divini Redemptores numero 33.

*domínio e o seu uso são uma e a mesma coisa; e muito mais ainda é alheio à verdade dizer que se extingue ou se perde o direito de propriedade com o não uso ou abuso dele*<sup>23</sup>”.

A Igreja, pregando aos homens que eles são todos filhos do mesmo Pai celeste (Deus), reconhece como uma condição providencial da sociedade humana a distinção das classes; por esta razão Ela ensina que apenas o respeito recíproco dos direitos e deveres, e a caridade mútua darão o segredo do justo equilíbrio, do bem estar honesto, da verdadeira paz e prosperidade dos povos e que só desta maneira se encontrará o remédio para todos os males da sociedade e não será jamais a igualdade das ordens sociais. A sociedade humana, tal qual Deus a estabeleceu, é formada de elementos desiguais, como desiguais são os membros do corpo humano; torná-los todos iguais é impossível: resultaria disso a própria destruição da sociedade humana. A igualdade dos diversos membros sociais consiste somente no fato de todos os homens terem a sua origem em Deus Criador; foram resgatados por Jesus Cristo e devem, segundo a regra exata dos seus méritos, serem julgados por Deus e por Ele recompensados ou punidos.

Segundo a Igreja o erro fundamental do comunismo é de caráter antropológico por considerar cada homem simplesmente como um elemento e uma molécula do organismo social, de tal modo que o bem do indivíduo aparece totalmente subordinado ao funcionamento do mecanismo econômico-social. O homem é reduzido a uma série de relações sociais, e desaparece o conceito de pessoa como sujeito autônomo de decisão moral, que constrói, através dessa decisão, o ordenamento social. Desta errada concepção da pessoa deriva a distorção do direito, que define o âmbito do exercício da liberdade, bem como a oposição à propriedade privada.

Segundo Marx, os comunistas não se rebaixam a dissimular suas opiniões e seus fins. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução

---

<sup>23</sup> Op. Cit. Quadragemo Anno nº 119

comunista! Os proletários nada têm a perder a não ser suas algemas. Têm um mundo a ganhar. E conclama: PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS<sup>24</sup>!

Desta forma podemos concluir que um cristão não possa ser comunista ou mesmo simpatizante deste movimento devido ao fato de a Igreja reconhecer como uma condição primordial da sociedade a distinção das classes sociais, disso resulta que, segundo a ordem estabelecida pela Igreja, deve haver na sociedade príncipes e vassalos, patrões e proletários, ricos e pobres, sábios e ignorantes, nobres e plebeus, e o comunismo prega exatamente a extinção das classes sociais: ninguém pode ao mesmo tempo ser católico convicto e comunista verdadeiro. Essas condenações, feitas pela Igreja, servem também para reafirmar e justificar sua própria estrutura organizacional que se baseia na hierarquia – Papa, Cardeais, Arcebispos, Bispos, padres, monges e curas.



---

<sup>24</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. 1848.

### **CAPÍTULO 3**

## **A PROJEÇÃO DO IMAGINÁRIO COMUNISTA NA SOCIEDADE NORTE-RIO-GRANDENSE.**

Faz mais de cem anos que a Igreja Católica condena o comunismo<sup>1</sup>, socialismo e qualquer tipo de materialismo dialético, materialismo histórico ou igualdade material, através da palavra oficial de seus pontíficos. No Rio Grande do Norte a Igreja Católica estava ligada á Diocese da Paraíba, até o final da primeira década do século XX, quando em 29 de dezembro de 1909, foi criada a Diocese de Natal, tendo como primeiro bispo, Dom Joaquim Antonio de Almeida (1909-1915)<sup>2</sup>. No período de 1924 a 1930, a Diocese manteve o Jornal Diário de Natal. Em 14 de julho de 1935, a Diocese lança o primeiro exemplar do jornal “A Ordem” sob responsabilidade da Congregação Mariana, e influência de Tristão de Ataíde e Jackson de Figueiredo.

O jornal “A Ordem” surgiu numa época em que a Igreja Católica, no Rio Grande do Norte, se preocupava com os problemas sociais, conseqüentes do pós Primeira Guerra Mundial, com o fortalecimento do catolicismo e com a moral. Através da leitura dos primeiros exemplares do Jornal, que circulava diariamente, tem-se a impressão de que a Igreja se defende de uma séria de inimigos. São freqüentes os ataques ao protestantismo, ao espiritismo, à maçonaria, ao comunismo. Tom moralizante também é percebido com investidas contra o carnaval, bailes, neopaganismo, má imprensa, jogatina, enfim contra todos os inimigos da ordem e da moral. Isto é perceptível já no editorial da primeira edição de “A Ordem”, quando a sua direção explica o porque do título do veículo:

---

<sup>1</sup> O Rerum Novarum data de 15 de maio de 1891

<sup>2</sup> A ORDEM. Natal. 1935.

Ordem é hierarquia é disciplina. É respeito e é autoridade. É amor sadio e é fraternidade. É, numa palavra, cumprimento exato de deveres, virtudes essas que faltam à civilização atual, cujo senso do divino, meta insubstituível da vida, se foi amortecendo a partir do Renascimento<sup>3</sup>.

Através do jornal, a Igreja justifica a hierarquia, a disciplina e a autoridade sobre os seus fiéis porque para a Igreja o mundo se divide em material e espiritual.

Com o fracasso do levante armado de 1935 observa-se forte reação conservadora, inspirada no medo de que o Brasil viesse a se tornar uma nova Rússia, o conservadorismo deu origem à construção de um conjunto de representações anticomunistas, baseado em imagens fortes como violência, traição, covardia, massacre, estupro e práticas imorais de variada espécie. O que orientou a simbologia erigida em torno de 1935 e criou raízes profundas no imaginário social brasileiro que por várias décadas manteve-se presente nos embates político-ideológicos.

Com a volta à normalidade, a Igreja Católica promoveu, em Natal e no interior do Estado, atos públicos em “desagravo ao atentado comunista à civilização cristã, e em ação de graças a Deus pela vitória da legalidade<sup>4</sup>”. Segue-se uma série de missas em desagravo ao movimento que representava uma ameaça à fé cristã, no dia 07 de dezembro de 1935, daquele mesmo ano, fez-se uma procissão que saiu da Igreja do Bom Jesus, na Ribeira, e foi terminar na Igreja de São Pedro, no Alecrim. Uma grande multidão participou daquele ato público e religioso, conduzindo a

---

<sup>3</sup> A ORDEM. Natal. 14/07.1935. p.1.

<sup>4</sup> A ORDEM. Natal. 07/12/1935.



imagem do Bom Jesus das Dores. No dia seguinte, logo cedo, D. Marcolino Dantas, Bispo de Natal celebrou uma missa campal em frente à praça Pedro II, no Alecrim.

No dia 15 de dezembro de 1935, houve uma outra missa campal, as 7:30h, na Praça Sete de Setembro, mandada celebrar pelo governo do Estado em ação de graças “por ter sido julgado o movimento comunista rebentado no Rio Grande do Norte” o celebrante foi o Monsenhor João da Mata, que era, naquele tempo, o presidente da Assembléia Legislativa. No seu sermão ele salientou “as nossas tradições históricas, para provar que o Brasil repele o comunismo materialista e anticristão<sup>5</sup>”.

Com a promulgação da nova Constituição do Estado, em 22 de fevereiro de 1936, foi introduzido o ensino religioso nas escolas públicas. No dia 04 de novembro de 1936, o Diário Oficial do Estado publicou a lei nº 27, através da qual o Presidente da Assembléia, Monsenhor João da Mata, regulamentou a matéria.

Em setembro de 1937, por iniciativa de D. Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro, o episcopado brasileiro lançou uma Carta Pastoral. Ao clero foi recomendado a divulgação daquele documento em todas as paróquias e associações religiosas. Entre outras coisas, afirmavam os Bispos: “Não é sobre um ou outro de nossos dogmas que se lança dúvida; é sobre a existência do cristianismo ou a sua negação radical que se trava a luta gigantesca. Já se não discute sobre está ou aquela religião; o que se pretende, num esforço de imenso orgulho, é eliminar a Deus da vida humana e construir o futuro sobre o ateísmo mais intratável...<sup>6</sup>”.

---

<sup>5</sup> **A ORDEM**. Natal. 17/12/1935.

<sup>6</sup> **Ibrd**. Natal. 03/09/1937.

Para levar ao operariado brasileiro os princípios da Doutrina Social da Igreja, espalharam-se por todo o Brasil círculos Operários Católicos. Este movimento tinha sido fundado no início dos anos 1930, pelo Padre Brentano, no Rio Grande do Sul. Em Natal, o primeiro Círculo Operário Católico foi fundado no bairro das Rocas pelo, então Padre José Adelino Dantas, em outubro de 1936. Fazem parte, igualmente desta reação católica, a colocação de crucifixos nas escolas e repartições públicas, com forma de exorcizar o comunismo.

Com o retorno de Rafael Fernandes ao comando do Estado, começou a fase de repressão, a abertura de inquéritos policiais para apurar responsabilidades dos que participara daquele ato de insurreição. Houve muitas injustiças, muitos partidários de Café Filho e Mario Câmara foram presos e condenados, muitos deles participaram do movimento pensando tratar-se de um movimento para derrubar o governo local.

Podemos concluir que, a fé cristã defendida pela Igreja Católica, contribuiu de forma decisiva, com seus dogmas e condenações, na formação do imaginário comunista no Estado e devido a sua incompatibilidade esse movimento era anticomunista.

Devemos entender que a problemática esta no materialismo, o qual a Igreja se opõe incisivamente, mas também na posse de bens, pois a extinção da propriedade privada só poderia ocorrer com a revolução que quase nunca é pacífica. Como solução para os conflitos sociais a Igreja defende a caridade<sup>7</sup> como antídoto mais seguro contra o orgulho e o egoísmo do mundo. E adverte:

---

<sup>7</sup> VATICANO. Rerum Novarum. Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Leão XIII. Sobre a condição dos operários. Vaticano. 15/03/1891

“Que os governantes façam uso da autoridade protetora das leis e das instituições; lembrem-se os ricos e os patrões dos seus deveres; tratem os operário, cuja sorte está em jogo, dos seus interesses pelas vias legítimas; e, visto que só a religião, como dissemos a princípio, é capaz de arrancar o mal pela raiz, lembrem-se todos que a primeira coisa a fazer é a restauração dos costumes cristãos, sem os quais os meios mais eficazes sugeridos pela prudência humana serão pouco aptos para produzir salutare resultados <sup>8</sup>”.

---

<sup>8</sup> VATICA.FIDES ET RATIO. Carta Encíclica do Papa João Paulo II aos Bispos da Igreja Católica Sobre as relações entre fé e razão.cap.V.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar de ter deixado marcas profundas no seio do RN, o movimento comunista representava uma perspectiva de proposta administrativa a partir da classe operária, o comunismo, a partir de Natal, não conseguiu obter êxito diante da falta de articulação entre as colunas do interior e movimento na capital, tendo em vista as notícias vindas dos Estados vizinhos de que tropas policiais se dirigiam com destino ao Estado. Todo o movimento no Estado durou apenas três dias.

Para o comunismo o mundo é materialista, e pretendendo caracterizá-lo não apenas numa visão econômica da história, mas também numa visão histórica da economia, a teoria marxista também procura explicar a evolução das relações econômicas nas sociedades humanas ao longo do processo histórico. Haveria, esta a concepção, uma permanente dialética das forças entre poderosos e fracos, opressores e oprimidos, a história da humanidade seria constituída por uma permanente luta de classes, como deixa bem claro a primeira frase do primeiro capítulo d'*O Manifesto Comunista*:

A história de toda sociedade do passado é a história da luta de classes<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Marx, Karl; Engels, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. 1848.

Toda e qualquer doutrina deve ser entendida como resultado de uma oposição. Ela estrutura-se para combater algum princípio que lhe desagrade ao mesmo tempo em que procura oferecer-lhe uma alternativa. Com o comunismo não foi diferente. Para Marx os trabalhadores estariam dominados pela ideologia das classes economicamente superior, ou seja, as idéias que os trabalhadores têm do mundo e da sociedade seriam as mesmas idéias que a burguesia espalha.

O “Manifesto Comunista”, de Karl Marx e Friedrich Engels, de 1848, afirma que o Comunismo seria o estágio final da organização político-econômica humana que iria perpetuar-se através dos séculos – o paraíso comunista - o que seria o fim da história no que se refere a sistema político de governo.

As duas concepções de mundo são inconciliáveis, pois uma se baseia no palpável, material, e empírico e o outro na metafísica, fé e nos seus dogmas.

Através de seus documentos oficiais – cartas encíclicas como o Sílabo, a Rerum Novarum entre outras - a Igreja reforça o direito à propriedade e a procurar atingir a harmonia entre as classes sociais. A Igreja condena a solução socialista que segundo ela, instiga nos pobres o ódio contra os que possuem, condena os que pretendem que toda a propriedade de bens particulares deva ser suprimida, que os bens de um indivíduo qualquer deva ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para os Municípios ou para o Estado, a pena para os que desobedecem à proibição de ajudar o comunismo, ou suas variantes, sob qualquer aspecto, incluindo a votação nos partidos comunistas, é a excomunhão automática. Deste modo todos os católicos que votarem (votar é uma espécie de prestar favor) ou se filiarem a partidos comunistas, escreverem livros filo-comunistas, ou revistas estão excluídos dos sacramentos, essas condenações da Igreja sobre o comunismo foi quem formou uma imagem negativa no imaginário norte-rio-grandense e foi bem

aproveitada pelas forças conservadoras que queriam um mínimo de mudanças possíveis na estrutura vigente do Estado.



## BIBLIOGRAFIA

1. **BÍBLIA** Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 1. ed. Santo André: Geográfica. 2003.
2. **CASTORIADES**, Cornélios. A INSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA DA SOCIEDADE. Tradução de Guy Reynaud. 4. ed. Rio e Janeiro: Paz e Terra. 1995. 414 p. (Coleção Rumos da Cultura Moderna; v. 52) Título Original: L'Institution Imaginaire de la Societé.
3. **CARDOSO**, C. Flamarion. UMA INTRODUÇÃO A HISTÓRIA. 6 ed. São Paulo. Brasiliense. 1986.
4. \_\_\_\_\_, C. Framarion; **BRIGNOLI**, H. Perez. OS MÉTODOS DA HISTORIA. Tradução de João Maria. 3. ed. Rio de Janeiro. Graal. 1983.
5. **FILHO**, João Medeiros. 82 HORAS DE SUBVERSÃO (Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte). Academia Norte-rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte. Natal: 1980.
6. **MARX**, Karl; **ENGELS**, Friedrich. MANIFESTO COMUNISTA: A Inevitável Vitória do Proletariado. São Paulo. Escriba. p. 22-37.
7. **SOUZA**, Itamar, 1935: OS COMUNISTA. fasc. 5. Diário do Rio Grande do Norte. Natal: O Diário. 1999. p. 115-141.
8. **VATICANO**. Encíclica (1864). QUANTA CURA. Carta encíclica do Papa Pio IX. Vaticano. 08/12/1864.
9. \_\_\_\_\_. Encíclica. (1891). RERUM NOVARUM. Carta Encíclica do Papa Leão XIII Sobre a Condição dos Operários. Vaticano. 15/03/1891.
10. \_\_\_\_\_. Encíclica. (1910). NOTRE CHARGE APOSTOLIQUE. Carta Apostólica do Papa S. Pio X. Vaticano. 25/08/1910.



11. **GEORGES**; Duby. TRÊS ADEUS OU O IMAGINARIO DO FEUDALISMO. Tradução de Maria Helena Costa Dias. Lisboa Estampa 1994. Título Original: Les Trais Ordres Ou L'imaginaire Du Feudalisme.

12. **HENRI CHAMBRE**, S.J. COMUNISMO E CRISTIANISMO. Sei e creio. Nona Parte – Problemas do mundo e da Igreja. Tradução de Iracy Ewerton Martins. São Paulo. Flamboyant. 1962. Título Original: CHRISTIANISME ET COMMUNISME.

## ANEXO

### AS 21 CONDIÇÕES 1920<sup>10</sup>

1 - Toda propaganda dever ser de caráter genuinamente comunista, e em favor da Revolução Proletária e da Ditadura do Proletariado.

2 - Cada organização comunista deve colocar membros do partido comunista em todos os postos do movimento operário, eliminando os elementos reformistas e centristas.

3 - Em cada país, os comunistas devem desenvolver atividades legais e ilegais, e criar uma organização clandestina para preparar a guerra civil.

4 - Divulgar as idéias comunistas nas Forças Armadas.

5 - Divulgar as idéias comunistas entre os camponeses a fim de conquistá-los para a causa revolucionária.

6 - Denunciar a hipocrisia dos social-patriotas e social-pacifistas.

7 - Romper radicalmente com todos os reformistas.

8 - Denunciar a exploração colonial, especialmente a do seu país.

9 - Constituir células comunistas nos sindicatos, cooperativas etc...

10-Combater a Internacional Sindical “Amarela”, de Amsterdã, e apoiar a Internacional dos Sindicatos Vermelhos, em formação.

11- Dirigir a atuação dos parlamentares comunistas no Congresso Nacional.

12 - Os partidos integrantes da Internacional Comunista devem organizar de acordo com o princípio do “Centralismo Democrático”.

13 - Cada partido deve promover, periodicamente, expurgos para expulsar os pequeno-burgueses e oportunistas.

14 - Cada partido membro da Internacional está obrigado a dar apoio incondicional a República Soviética na sua luta contra as forças contra-revolucionárias.

15 - Os partidos que, até então, tinham programas social-democráticos, são obrigados agora a substituí-los por programas revolucionários e submetê-los ao Komintern para ratificá-los .

---

<sup>10</sup> SOUZA, Itamar. 1935: Os Comunistas.fsc. 5.Natal. O Diário de Natal. 22/06.1999.

16 - Todas as decisões tomadas pela Internacional devem ser seguidas pelos partidos a ela filiados.

17 - Cada partido da Internacional deve adotar o nome de comunista.

18 - A imprensa dos partidos comunistas está obrigada a publicar os documentos oficiais importantes da Internacional.

19 - Cada partido deve convocar um congresso para ratificar estas condições.

20 - Para pertencer à Internacional, cada partido deve contar com apoio de, no mínimo, dois terços do seu Comitê Central.

21 - Todos os membros do partido que, em princípio rejeitarem as condições e teses da Internacional, serão expulsos do partido. (Carr. E. H.- V.3 - 1984; 210-211) e Hobday, Charles (Org.) - 1986: 433-436).

O Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, nasceu e viveu atrelado a estas 21 condições impostas por Moscou. (Pinheiro, Paulo Sérgio - 1991: 51-62).